

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº 242 - JUNHO - PORTO VELHO, 2009.
VOLUME XXV - Maio/Agos
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

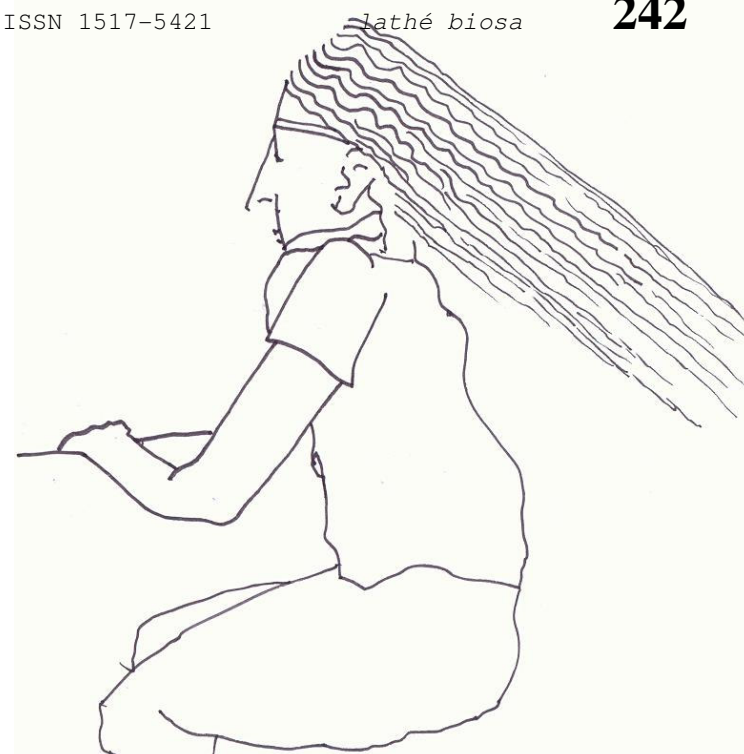
TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

242



**O MUNDO URBANO: MOSAICO DE
MANIFESTAÇÕES DO
SAGRADO, CREDOS E DIÁLOGOSO**

Valmir Flores Pinto



O MUNDO URBANO: MOSAICO DE MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO, CREDOS E DIÁLOGOSO

Msc. Valmir Flores Pinto

Professor de Filosofia e Filosofia da Educação
Universidade Federal do Amazonas – UFAM/HUMAITÁ, AM
valmirfp@ufam.edu.br

INTRODUÇÃO

Em cada época histórica existem pessoas, sejam da hierarquia de grupos majoritários ou minoritários, que julgam ter descoberto, ou pelo menos pensam viver o tipo mais genuíno de credo religioso. Desde o século XX, época marcada por avanços tecnológicos e também de desvios, não apenas no campo moral mas também de soberania e diplomacia, descobre-se no auge da secularização que a vida humana, na busca pelo sagrado, não está na sua última fase sobre o mundo, como alguns profetizaram. Esta fase constitui uma oportunidade a mais para aguçar um critério que possa distinguir o essencial do acidental da vida religiosa e agora diante de um cenário gritante: a cidade secularizada.

A secularização urbana deve ser situada dentro de uma filosofia dialética da história. O sucesso de uma sociedade exige racionalidade, planificação, organização e esta conduta vem ameaçar, comumente, ou restringir a liberdade. Daí a reação provável de pequenos grupos menos engajados nos circuitos econômicos ou mais sensíveis a valores extra-econômicos – estudantes, minorias religiosas, marginais sociais e outros. Mas o dinamismo humano não é só na área econômica. Sua psique profunda também é libido, é agressividade e em termos do humanismo religioso, aspiração ao amor, para amar e ser amado.

Todo movimento de secularização, que é coroado com o fenômeno da urbanização, se apresenta como promoção do ser humano. Gradativamente ele foi evoluindo de maneira a escravizar o sujeito sob o peso de novas estruturas, dando, assim, a seu ‘humanismo’ um cunho imprevisto: não sabemos o que será do ser humano amanhã. Sob o impacto do consumo, da mudança em questão de segundos, da cultura materialista e descartável, os valores humanísticos, que já foram característicos, estão sendo rapidamente desagregados e mesmo desaparecendo. Esta realidade acontece em todo o planeta. Feitas estas constatações cabe-nos saber como nos comportamos neste meio, conceber algumas diretrizes de ação, atuação efetiva e afetiva das diversas denominações religiosas e suas motivações.

1 – Comportamento religioso na cidade

Começamos falando de comportamento na cidade e não da cidade. Isto implica necessariamente a uma inclusão pessoal, grupal ou institucional na vida da cidade. Somos membros dessa coletividade que tem muitos pontos de vista. Não se trata aqui de substituir o papel dos aspectos religiosos, mas propor sugestões e acertar na reação exigirá muito diálogo.

Em primeiro lugar devemos salientar o valor positivo de certa dessacralização: ela é boa e necessária quando consiste em liquidar todo um folclore religioso. Também tem um limite: o respeito pelo caminho próprio de cada povo, pela sua cultura e momento de sua maturidade na evolução religioso-cultural das elites intelectuais e do povo em geral. Quando os primeiros querem arrasar a religião do povo sem distinguir entre práticas ou crenças que não podem ser substituídas imediatamente, ocorre a catástrofe. O efeito imediato é a fuga dos 'crentes', de maneira maciça para outros ambientes religiosos ou seitas, mais tradicionais e abertas aos olhos do povo, ou perdem individualmente a sua forma de fé e prática religiosa, ou ainda mantêm um mundo muito pessoal e intimista ao seu estilo, mesmo não saindo de sua denominação religiosa.

Embora a mudança de comportamento na cidade seja algo cotidiano, até por frações de segundos, no quesito religioso trazemos elementos que são constitutivos de nossa cultura. Por isso as supressões devem ser explicadas, justificadas diante do povo, na sua linguagem. Devem ser prudentes e progressivas, destituídas de arbítrios e de agressividades, atentas ao conjunto do condicionamento cultural. Purista na sua dogmática as Igrejas cristãs históricas erraram muito na sua pastoral concreta, diante das atitudes, devoções e tradições locais.

O processo de secularização e comportamento urbano ultrapassa em muito a iniciativa de qualquer denominação religiosa de controle. A questão maior é: como as religiões vão se capacitarem para desempenhar conveniente e efizcamente suas funções neste contexto? Não podemos, nem devemos esperar uma resposta para todos, universal, mas tentar elaborar uma praxi iluminada pelo teologal, respostas bem situadas a cada realidade, do micro ao macro. A distinção entre acidental e essencial não é para a obra teórica, é experiência histórica.

2 – Elementos da religiosidade

Passemos a pontuar alguns elementos que são essenciais na formação do universo de compreensão da religiosidade.

2.1 – Espiritualidade

A espiritualidade reduzida à espiritualidade de ação, rejeitando todos os valores não pragmáticos, parece-nos suspeita de uma moda reversível, de uma atitude incompleta. Nessa linha, desaparece o ritual como ritual. A cultura mergulha, hoje como ontem, no simbolismo, irreduzível ao empirismo. Um exemplo típico é o sucesso que tem, em alguns países ocidentais, as religiões orientais, indicam que o sentido do silêncio, da contemplação, da meditação, da interioridade, não pode

desaparecer para sempre das aspirações humanas. “Do ponto de vista da vida, por assim dizer ‘animal’, Deus não entra como elemento ‘útil’ e ‘necessário’” (BINGMER, 1998, p. 82). O sagrado não acrescenta nada à vida biológica. Ao contrário, exige o despojamento dos bens sensíveis.

Apesar dos diagnósticos ‘terríveis’ feitos por muitos sobre a religião diante da secularização da modernidade, “nos encontramos ainda com pessoas capazes de passar horas de seu tempo em cultos, celebrações e cerimônias de louvor. Pessoas capazes de, em nome de seu Deus ‘inútil’ e entregar suas vidas num sacrifício” (BINGMER, 1998, p.82).

2.2 – Sentido de pertença

Outro risco que nos ameaça é a política do tudo ou nada. Podemos contestar os defeitos das Igrejas, das religiões, sem rejeitar as Igrejas ou religiões. Podemos trabalhar para melhorar o culto, sem pretender que ele não tenha mais sentido; aproveitar idéias e técnicas, sem cair numa desmitização radical, sem pretender afirmar que as palavras sagrado, Deus, religião estão superadas. O que nos falta, muitas vezes, é um sentido equilibrado das coisas.

O Brasil está praticamente em pé de igualdade com o ocidente em se tratando do elemento secular, mas tem um outro pé num cristianismo e num universo bem tradicionais. Há desentendimentos entre lideranças religiosas e fiéis devido a algumas generalizações e que na realidade são aspectos parciais. No caso da Igreja Católica Romana, Bispos que procuram presbíteros em toda parte, até no exterior, não entendem a desorientação ou fuga de presbíteros, enquanto tantas pessoas procuram os mesmos para a sacramentalização. Por outro lado, os presbíteros que estão mais próximos à secularização não compreendem a importância que a hierarquia dá à administração curial, à manutenção de atitudes da cristandade.

Algo é certo, mais de 70% dos cristãos do Brasil se dizem cristãos católicos e outra parte cristãos de outras denominações portanto, a maioria da população cristã. Mas a expressão “maior país católico do mundo” não é motivo de glória e esplendor e já foi justamente denunciada. Deve ser dada maior atenção às diferenças entre religião do clero e a religião popular, entre teoria e prática, entre planos bem elaborados e sua real aplicação a partir do universo religioso. De qualquer forma a solução não será mais voltar para o dualismo: ou isso ou aquilo. A vida urbana e secular recusa isso. A relação religião e secularização não se torna mais fácil, mas pode e deve tornar-se tão humana, aceitável, eticamente possível e com muito mais realismo.

3 – Diretrizes de julgamento

As mudanças contínuas no universo secular-urbano, não se apresentam como modo de viver mais definitivo ou provisório. Chegou a ter mais consciência da precariedade e do relativismo da toda cultura humana. Em si não é contra nem a favor das religiões, enquanto essas são fermento que transformam a humanidade.

O papel do cristianismo e por extensão das diferentes denominações religiosas, não é apontar uma organização terrena definitiva. Não há nada definitivo nesta terra, a não ser o amor (BÍBLIA DO PEREGRINO, 1Cor. 13, 1-13. Trad. BORTOLINI, José e STORNILO, Ivo. São Paulo: Paulus, 2002). O papel das religiões é manifestar a presença do Absoluto no relativo da história. Pois, renunciar a testemunhar Deus como Absoluto seria abrir mão, renunciar aos propósitos de bondade, alteridade, gratidão e serviço. Neste sentido a secularização torna-se secularismo. Mas testemunhar é referir-se a uma dimensão invisível da realidade, a partir da realidade terrestre. Não pode haver testemunho de Deus sem aceitação plena do relativismo da história, da cultura, da finitude e da precariedade de toda posição atual do ser humano.

Faz-se necessário afirmar que este testemunho não pode se limitar a alguns enunciados dogmáticos. As pessoas crentes devem acreditar no que diz, antes de propô-lo ao mundo; isso significa fazer esforços sérios para viver os enunciados. O testemunho religioso numa era secular será mais do que nunca testemunho do Absoluto, tendo como referência a convivência pacífica, numa palavra: o amor.

Para nada servem as teorias e proclamações de uma entidade se sua política utiliza outros caminhos, mesmo no intento de fazer triunfar sua mensagem. Isso não serve apenas para o campo religioso, mas também nas relações de políticas internacionais. Seria como se as Igrejas ou grupos religiosos realizassem alianças com grupos que estão ligados ao narcotráfico, sonegações, seqüestros, roubos, etc, para fazer uso do dinheiro em benefício de obras sociais ou religiosas.

Às vezes queremos fazer o bem ao próximo, quando ainda não descobrimos o nosso próximo em casa. Elementos dessa natureza estão ordinariamente presentes em nossos lares, Igrejas, comunidades religiosas e organizações institucionais. Não que não haja comunidades exemplares no seu testemunho, mas é preciso que se constate essa realidade.

4 – O conceito de Deus

Graças à reflexão da idéia que tínhamos de Deus, no ocidente, juntamente com as mudanças no mundo urbano-secular, instalou-se certa contestação nas Igrejas cristãs. Quem ainda guarda um conceito de Deus ‘Todo-Poderoso’ ditatorial, patriarcal não pode passar sem uma estrutura autoritária, com uma submissão sem reservas às autoridades. Muitos que se encaixam nessa categoria, tanto entre líderes religiosos como entre os fiéis, talvez por insegurança em tomar decisões ou mesmo submissão sem restrições.

A crise instaurada no mundo secularizado é de crescimento e não pode deixar de repercutir sobre o aspecto religioso. A questão é saber se haverá uma reação institucional e pessoal de maneira aceitável ou não. É certo que assim como o clericalismo – em todas as denominações – não pode sobrepor sobre as pessoas, também não pode ocorrer um ‘vale-tudo’ no seio das comunidades religiosas. Não se trata de tirar ou colocar elementos para determinados cultos, mas julgar o desempenho das atividades que favoreçam o cultivo dos valores religiosos e culturais de determinado povo. A sociedade mudou e muda, e com ela as denominações

religiosas vão incorporando novos elementos. Todas as sedimentações que vêm de tempos passados e que paralisam a vitalidade, impedem o desempenho da função profético-religiosa.

Em pleno século XXI ainda há grandes disputas por terrenos no campo religioso, seja de cunho geográfico ou de adeptos. As pessoas não são mercadorias em prateleiras do grande shopping que é a cidade, onde posso escolhê-las ou excluí-las. Foram dados grandes passos em direção às “águas mais profundas” (BÍBLIA O PEREGRINO. Evangelho de Lucas 5, 3-4. Op. Cit.), mas há necessidade de uma presença mais humana e fraterna. A sociedade urbana e secularizada está machucada e, em certos casos, doente e na UTI. Não bastam normas e regras entre das denominações religiosas, é preciso adequar a mensagem às pessoas, não de maneira generalizada, mas personalizada e com clareza do que se pretende, e muito menos de maneira utilitarista, aceitando qualquer situação.

5 – Ações das religiões

Face aos problemas do meio urbano, pode-se fazer a aprendizagem da condição dos cidadãos. Por isso a necessidade de dar prioridade à realidade urbana e a somar esforços de pressão e ação. A política não se aprende apenas nas reuniões, mas na rua e nos seus desafios. Houve épocas e ainda há locais que fazem exageros de reuniões. Em meio a esse cenário surgem muitos personagens, mas os que mais sofrem com a situação de certo caos são os pobres. “A urbanização rápida mostra claramente que o problema é a cidade. Para os pobres a grande política fica muito distante. Não entendem e se deixam confundir pelos demagogos. A grande economia é incompreensível. A sociedade nacional é uma abstração e a internacional, mais ainda” (COMBLIM. 1996, p.361).

5.1 – Aspecto efetivo

As religiões não estão em crise, mas uma forma de religião. Aquelas formas de expressões burocratizadas e nacionalistas perdem a capacidade de responder às expectativas de ordenar a vida das pessoas dando-lhe um sentido. Com a secularização surge uma crise de uma forma social de religião, a estrutural, e o que com isso surge uma subjetivação da religião. A identificação entre estrutura e religião é a raiz dos equívocos.

A atuação das expressões religiosas não tem como não ser no mundo secularizado. Ou elas se incorporam, fazendo parte do mesmo, ou estarão condenadas ao desaparecimento. No mundo pós-moderno o processo de socialização – a integração do indivíduo na vida social – é cada vez mais realizado por instâncias seculares e secundárias, isto é, por instâncias de livre escolha dos indivíduos. Perdem relevância significativa os meios de socialização primários, como a família, igrejas, Estado e a própria escola.

Na sociedade urbana e tecnológica esta socialização torna-se secundária, isto é, radica-se na esfera da escolha pessoal. Passou-se a tornar o indivíduo livre para escolher, não dar-lhe um quadro de valores prontos. Assim cresce a idéia de pessoas que não gostariam de, por exemplo, batizar a criança, pois quem deve

escolher a religião ou o credo é ela mesma quando crescer, embora esta posição ainda seja minoritária, visto que muitos fazem os ritos mais por superstição e tradição do que por convicção. “É o que se pode chamar de religião privatizada, localizada na esfera da escolha pessoal, subjetiva” (LIBÂNIO. 1994. p. 67).

5.2 – Aspecto afetivo

Dentro da perspectiva afetiva, acreditamos que as denominações religiosas não podem se refugiar em seus ambientes religiosos, mas juntamente com outras instituições e com o apoio da ciência formar um corpo social de presença no mundo. Isso poderá soar como perde de identidade. Mas toda identidade se constrói a partir de referências e de relações. Para os cristãos a referência é Jesus Cristo; os judeus, a fé e testemunho de Abraão e Moises; os islâmicos o profeta Maomé, apenas para citar as chamadas religiões monoteístas. E todos os outros credos têm suas referências e códigos de ação.

As formas de ação envolvem alguns níveis fundamentais. Estamos no mundo urbano-secular e formamos o contingente de milhões de pessoas que buscam o sagrado, o absoluto neste ambiente. Enfocaremos dois níveis de maior relevância: o pessoal e o grupal.

5.2.1 – Busca pessoal

A escolha religiosa hoje pode ser mais livre e com mais frequência, porque existe um pluralismo de alternativas religiosas – principalmente nos países mais pobres-as quais crescem e emergem em instantes. Criam-se necessidades e a partir delas busca-se respostas no aspecto religioso: é o mercado. Há respostas para todos os gostos, tornando-as utilizáveis ou descartáveis, conforme a necessidade. No Brasil este reflexo se tornou mais visível dos anos 60 e 70 do século passado para cá. Quem chega à cidade moderna deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição rural, reinterpretada em função do contexto urbano, ou pode ser outra, e ainda não é certo que nela fique para sempre. A mudança contínua de paradigmas na sociedade urbana leva a questionar sempre a todas as opções, mesmo aquelas que poderiam parecer ‘eternas’.

Na busca pessoal emerge a subjetividade. Este é um elemento de suma importância para a vida de qualquer pessoa, religiosa ou não. Percebe-se mesmo em pequenos grupos, um subjetivismo latente no campo religioso. É momento de não desprezar ou ignorar, mas levar a sério a experiência religiosa das pessoas, mesmo que estejam distantes dos objetivos das religiões. De princípio a experiência pode até ser superficial. Os líderes poderão sofrer a tentação de recusar ou corrigir tal exigência. Somente o diálogo juntamente com uma postura autenticamente interconfessional poderão ajudar e emergir o sentido profundo da busca religiosa de uma pessoa.

Devemos estar atentos à pessoa em sua integridade, evitando acentuar um aspecto em prejuízo de outros. Se no passado a pastoral tridentina no ocidente acentuou os aspectos jurídicos em prejuízo da dimensão afetiva e simbólica, esse erro deve ser corrigido. Nessa linha destaca-se nos centros urbanos, a atitude de abertura à pessoa, também chamado de ‘pastoral da acolhida’. A sabedoria estará no uso da interdisciplinaridade, nunca os extremos.

É um desafio, na sociedade atual, a distância que se acentua entre expressão religiosa de fé e de cultura. Por outro lado a própria estruturação da vida urbana moderna é geradora desse fenômeno. Ela tende a separar as esferas da vida, afastando as religiões da ética, política, economia, ciências e atividades profissionais. Abre-se aqui uma possibilidade de um trabalho que contribua partindo de valores mais generalizados como: paz, amor, respeito, dignidade, acolhida e outros. No entanto, é preciso ressaltar que apesar dos valores dos aspectos pessoais, a pessoa não se realiza a não ser no relacionamento com outras pessoas, seja a nível religioso e mais ainda a nível afetivo e social.

5.2.2 – Busca a nível grupal

Há muitos elementos que contribuem para uma busca de formas comunitárias de vida no atual contexto. Temos o pluralismo cultural, a estrutura social e o comportamento diferenciado dos fiéis no plano religioso. No Brasil temos algumas faixas da população: “os que seguem a religiosidade popular; os que seguem o aspecto tradicional, rejeitando inovações; os que procuram viver a sua fé mais pelo compromisso ético do que pelo culto; os que estão marginalizados religiosa e socialmente; e os que entraram na modernidade e não têm uma perspectiva religiosa marcante” (AZEVEDO, 1990. p. 15).

Diante desse cenário acrescentamos, embora em menor número, os que buscam uma religiosidade marcada pelo elemento pessoal e subjetivo – há uma sede de Deus -. E questões emergentes surgem: o que fazer? Como fazer? Onde fazer? Uma primeira resposta é pensar uma solução não de maneira única, mas diversificada, pluralista. Pois, existem os extremos: os que aderiram ou não à modernidade e estão afastados da prática religiosa e de qualquer comunidade religiosa; os que mantêm alguns contatos em ocasiões - casamentos, datas importantes, morte, nascimento -; e outra ponta são as comunidades ou movimentos religiosos que procuram orientar toda a vida de seus membros, oferecendo até serviços, geralmente recusam o mundo moderno. No meio dos extremos temos a grande massa dos praticantes com seus diversos níveis.

O desafio é reconstruir a cidade como mediação da nossa concepção de vida e de nossa prática, não apenas para os praticantes de algum credo. Quando afirmamos reconstruir, não trata apenas dos espaços físicos, da renda, da moradia, da saúde, mas também do modo de pensar a si mesmos e a cultura, o sentido das coisas e das relações humanas. Se falamos de subjetividade pessoal, porque não uma cidade subjetiva? A reconstrução passa pela introdução da ética nas atividades, seja em âmbito pessoal, grupal ou estrutural.

CONCLUSÃO

O que temos hoje é uma ‘ética’ do mercado. Esta não apenas exclui pessoas, mas as torna mercadoria do mesmo mercado. A contribuição das expressões religiosas começa na superação de todo e qualquer fundamentalismo, não apenas o religioso. Muitos criticam os muçulmanos ou judeus pelo acirrado

fundamentalismo religioso, misturado com questões culturais e políticas. Mas vale ressaltar que estamos vendo e vivendo outro fundamentalismo que está sendo imposto em toda parte do planeta e até fora dele: das super-potências econômicas, que ‘governam’ o mundo. É a tentativa de substituição de um fundamentalismo por outro: um de capital, onde as armas são os poderes bélico e econômico que está sendo despejado sobre o mundo, assim como a poluição e destruição do meio-ambiente.

Diante desse cenário de disputas e intrigas, mesmo no sei de muitas religiões, queremos resgatar um elemento que é de fundamental importância para a vida do ser humano: o testemunho ético. Em um mundo urbano e secularizado o testemunho ético revela a confiança e a esperança da presença do sagrado. Nesta ótica, supõe-se a solidariedade com as pessoas, partindo dos excluídos. Este desejo não é apenas mais um recheio no grande ‘bolo dos sonhos’. A presença pública das religiões deve ser questionadora, não utilização ambígua do poder. Há séculos alguns monumentos expressam a centralidade do sagrado via o poder estabelecido. Hoje pauta-se por uma presença mais crítica e espiritual. As manifestações e movimentos deverão ser expressões de comunhão e solidariedade com as pessoas, independente do credo. Enfim, depois de séculos dando ênfase à instituição, as religiões são desafiadas para a ação, testemunho, a ser constantemente recriada: um mosaico em construção.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Marcelo C. de. Dinâmicas atuais da cultura brasileira. Estudos da CNBB nº 58. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são? Santo André, SP: Mensageiro de Santo Antônio, 1995.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. Luís Alonso Schökel. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, Maria Clara L. A Sedução do sagrado. In. A Sedução do Sagrado. O fenômeno religioso da virada do milênio. Org. Cleto Caliman. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 79-115, 1998.
- CASPAR, Robert. Cristianismo/Islamismo. Trad. Maia da Rocha. Porto – Portugal: Editorial Perpétuo Socorro.
- COMBLIN, José. Cristãos rumo ao século XXI. São Paulo: Paulus, 1996.
- CRESPI, Franco. A Experiência religiosa na pós-modernidade. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: Editora Universidade do Sagrado Coração.
- KÜNG, Hans. Ser cristão. Trad. José W. Filho. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- LIBÂNIO, João Batista. O Sagrado na pós-modernidade. In. A Sedução do Sagrado (org. Cleto Caliman). Petrópolis, RJ: Vozes, p. 61-78, 1998.
- _____. As Lógicas da cidade. Impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.
- PINTO, Valmir Flores. O Ser humano entre o sagrado e o secular. Dissertação de mestrado em teologia sistemática pela PUC-RS. Porto Alegre, 2005.
- SEGUNDO, Juan Luis. Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia. Trad. Magda Furtado. São Paulo: Paulinas, 1995.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS

Clifford Geertz

Livros Técnicos e Científicos Editora

RESUMO: A totalidade dos quinze capítulos que compõem este volume, relaciona-se com o conceito de cultura. São em grande parte estudos empíricos do que considera proximidade das imediações da vida social. A leitura do livro é importante mesmo que resolvamos abandoná-la no primeiro capítulo, onde o autor realiza um panorama de sua contribuição às Ciências Sociais.

SUMÁRIO: Por uma teoria interpretativa da cultura; O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem; O crescimento da cultura e a evolução da mente; A religião como sistema cultural; Ethos, visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados; A ideologia como sistema cultural; A política do significado; Pessoa, tempo e conduta em Bali; Um jogo absorvente.

Áreas de interesse: História, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciência Política.

Palavras-chave: cultura, antropologia, símbolo, interpretação.